

A influência da televisão sobre o comportamento psicossocial de crianças

Thais Pires MIGUEL¹, thaispiresmiguel@hotmail.com; **Ana Lúcia Barros CONTINO**²

1. Graduanda em Psicologia pela Faculdade de Minas (FAMINAS), Muriaé, MG.
2. Mestre em Cognição e Linguagem pela Universidade Estadual do Norte Fluminense (UENF); professora na FAMINAS, Muriaé, MG.

Artigo recebido em 02 set. 2011 e aprovado em 11 dez. 2012.

RESUMO: Averiguou-se sobre a preferência de crianças por desenhos infantis e a relação existente entre mídia e agressividade. A pesquisa foi realizada em duas escolas públicas de Manhuaçu (MG). Os instrumentos utilizados na coleta de dados foram dois questionários semiestruturados, um para os pais, outro para as crianças, além de uma escala da percepção de professores. Os resultados assinalam que as famílias são influenciadas pelos meios de comunicação, especialmente a televisão cujos desenhos mais citados pelas crianças foram **Três espíãs demais** e **Bob Esponja**. A escala preenchida pelos professores não demonstrou níveis de agressividade importantes.

Palavras-chave: televisão, desenhos, agressividade.

ABSTRACT: **The television influence on the psychological and social behavior of children.** It was found on the preference of children for children's programs and the relationship between media and aggressiveness. The research was

conducted in two public schools in Manhuaçu (MG). The instruments used in data collection were two semi-structured questionnaires, one for parents and one for children, besides a range of teachers' perception. The results indicate that families are influenced by the media, especially television whose most cited programs by the children were **Três Espiãs Demais** and **Bob Esponja**. The scale completed by teachers showed no significant levels of aggressiveness.

Keywords: television, programs, aggressiveness.

RESUMEN: La influencia de la televisión en el comportamiento psicológico y social de los niños.

Se encuentra en la preferencia de los niños los programas infantiles y la relación entre los medios de comunicación y la agresividad. La investigación se realizó en dos escuelas públicas de Manhuaçu (MG). Los instrumentos utilizados en la recolección de datos fueron dos cuestionarios semi-estructurados, uno para los padres y otra para niños, además de una amplia gama de percepción de los maestros. Los resultados indican que las familias se ven influidos por los medios de comunicación, especialmente la televisión, cuya mayoría de los programas citados por los niños fueron **Três Espiãs Demais** y **Bob Esponja**. La escala rellenar por el profesorado no mostró niveles significativos de agresividad.

Palabras llave: televisión, programas infantiles, agresividad.

Introdução

Com intuito de iniciar a discussão, assinalou-se que “a televisão afeta cada aspecto da vida [...] ela alterou o modo de viver em todos os níveis da sociedade [...]” (MANKIEWITZ; SWEDLOW, 1978 apud ORJUELA, 1997), questiona-se aqui quais os valores que estão sendo estimulados pela TV e de que forma ela influencia tanto a criança, quanto à família.

Desde seu aparecimento, diversas teorias tentaram descrever, explicar e prever como a TV afeta o comportamento (WARTELLA; REEVES, 1985 apud ORJUELA, 1997). No que diz respeito ao comportamento agressivo, assunto muito discutido na comunidade escolar, o difícil é conceituar a agressividade, visto que diversos autores abordam este tema de diferentes maneiras (CAVALHEIRO, 2005). Sendo assim, o objetivo da pesquisa consiste em compreender a relação que as crianças estabelecem com a mídia realizando um levantamento sobre a preferência das crianças por desenhos infantis, verificando ainda a importância dos meios de comunicação na família, além da relação existente entre os desenhos e a agressividade.

A pesquisa no campo de psicologia em torno da televisão teve início em 1949, mas apenas se fortaleceu em 1969, de forma que os primeiros estudos davam ênfase ao uso e a preferência das crianças por diferentes tipos de programação (ORJUELA, 1997).

A partir de então, percebeu-se que vários autores de diversas linhas teóricas e de pensamento abordam o tema, como aponta Njaine e Minayo (2004), que fazem uma relação entre os trabalhos publicados na área. Dentre eles, pode-se citar Coutinho, em 1972, cuja discussão era a importância da mídia para a vida do adolescente brasileiro; Beraldi, 1978 que abordou a preferência de crianças por desenhos infantis e Feijo e Flores, no ano de 2001, que falaram sobre o conteúdo agressivo da mídia.

O presente trabalho consiste em uma análise de dados coletados no decorrer do ano de 2010, em duas escolas da rede pública da cidade de Manhuaçu (MG), cuja amostra consiste de 32 crianças de 9 a 11 anos de idade, seus respectivos pais e professores. Trata-se de um estudo quanti e qualitativo cujos métodos utilizados para coleta de dados foram questionários semi-estruturados aplicados aos alunos e aos seus respectivos pais com a finalidade de verificar a influência dos meios de comunicação na família e a forma que os desenhos influenciam (ou não) as crianças. Uma escala de percepção de professores dos comportamentos agressivos de crianças na escola (LISBOA; KOLLER, 2001), foi utilizada para constatar a ocorrência de comportamentos agressivos nas crianças na visão dos professores

Torna-se necessária a investigação sobre a televisão e o comportamento de crianças e seus familiares, verificando se ela, a televisão, altera o comportamento e as vivências da família tanto no contexto social, quanto no familiar. Assim, problematizaram-se os meios de comunicação de massa, dando ênfase à televisão e levantando questões acerca do que as crianças veem na TV. Ressalta-se sobre o comportamento agressivo na visão de alguns autores.

Dentre os autores utilizados no decorrer desta pesquisa, os mais citados são Guillermo Orjuela (1997) que retrata o momento histórico da televisão e a

forma que as crianças lidam com a mesma, na perspectiva da psicologia social, investigando sobre comportamentos “anti e pró-social”, Renata Borges (2007) que analisa a contribuição das mídias na construção do conhecimento de crianças e Adriana Cavalheiro (2005), o qual faz uma abordagem acerca de suas vivências, desde a infância até a sua formação acadêmica, com uma perspectiva sobre a agressividade.

I – A televisão e meios de comunicação

Com o passar do tempo novas formas de leitura, escrita e comunicação surgem, provocando no homem novas formas de pensar, conhecer e agir (BORGES, 2007). A mídia é um destes meios de comunicação que, além de características tecnológicas, apresenta outras sociais e culturais (LIVINGSTONE et al., 2002 apud CARLSSON; FEILITZEN, 2002).

Ela tem influenciado nossas vivências, pois faz parte de nossas vidas, auxiliando na produção de conhecimento e subjetividade. Tal influência pode ser considerada uma questão de âmbito mundial, pois os meios de comunicação, em particular a televisão, fazem parte do cotidiano de muitas pessoas (RIZZINI et al., 2005).

As mídias se dividem em analógicas ou digitais, sendo que a televisão é um exemplo de mídia analógica, por ser facilmente apreendida pelos sentidos e pelo acesso do público a ela (COSTA, 2005 apud BORGES, 2007).

Após a segunda Guerra Mundial, as mídias, em especial o rádio e a televisão, tornaram-se meios de comunicação com o qual interagimos automaticamente (CASTELLS, 2006 apud BORGES, 2007). De acordo com Lopes (2006), a televisão brasileira constitui uma história de meio século, que pode ser dividida em três fases: sua instalação, sua maturação, ocorrendo um aumento substancial da sua audiência, profissionalização e técnicas; e a situação que sucede até hoje, marcada por questões políticas, econômicas e culturais na realidade do país.

A televisão, como aponta Belloni (2001 apud BORGES, 2007), não substitui a intersubjetividade, mas fornece conteúdos para as situações de interação entre as crianças e os outros, uma vez que as telinhas são associadas aos jogos e as brincadeiras, manifestando o desenvolvimento sócio-afetivo das crianças.

Ela é o meio de comunicação em maior circulação na atualidade, porém é de extrema importância que se perceba a forma que a televisão tem chegado ao telespectador infantil, (KARPRZAK, 1997), a forma como estes recebem as informações e experiências transmitidas pela telinha.

Antigamente a televisão era vista, na maioria das vezes, pelas classes médias de modo que a maior parte das programações era transmitida para atendê-los. Porém, com os avanços e transformações da televisão ela foi se tornando um veículo popular, com uma linguagem mais acessível e compreensível ao entendimento de todos (LOPES, 2006).

Dentre os meios de comunicação de massa, a televisão é destinada ao produto deste século, e provoca controvérsias quanto à sua produção e formulação e às influências sobre o público consumidor (KARPRZAK, 1997).

Lopes (2006) menciona que a televisão aberta consiste, no século XXI, o meio de comunicação de maior uso no Brasil, a principal fonte de instrumento e comunicação. Ela existe para o bem ou para o mal, consistindo na principal fonte de informação e de vinculação da cultura brasileira (MESQUITA; SOARES, 2008). Ela pode agir negativamente ou positivamente nas vivências do homem, pois, “a televisão determina os valores e influência de praticamente todas as atividades do homem” (HOINEFF, 1991, p. 21-22).

McQuail (1983 apud ORJUELA, 1997) assinala que desde seu aparecimento, há quase cinco décadas, a TV tem se associado a inúmeras alterações comportamentais, seja em nível individual, social e/ou cultural. “Toda vez que surgiu em nossa sociedade um grande veículo de comunicação, ele se tornou objeto de considerável debate e controvérsia” (DE FLEUR 1971, apud ORJUELA, 1997), entretanto, a televisão é o meio de comunicação que até hoje gerou mais polêmica na sociedade (ORJUELA, 1997).

A linguagem televisiva constitui uma nova forma de experiência no mundo, a experiência virtual, por apresentar-se fragmentada, efêmera, vicária e superficial. Porém, esta linguagem televisiva vem transmitir valores e conceitos sociais da nossa época (KARPRZAK, 1997).

A televisão é tida pelos brasileiros como referência básica de suas vidas, de forma que os mais jovens consideram o que assistem, como natural (LOPES, 2006). Ela “tem sido alvo de críticas e de defesas do mais variado teor” (ORJUELA, 1997), em que se pode perceber que as pessoas são aptas a se influenciar pelo que assistem na TV, principalmente quando jovens, pois consideram as coisas que assistem como naturais.

1.1 – A influência de programas infantis no desenvolvimento sócio-cultural de crianças

Segundo Nyuara Mesquita e Márlon Soares (2008), a televisão “é vista como culpada de muitos males que afligem nossa sociedade, dentre eles pode-se citar: violência, apatia e consumismo”, de forma que já propuseram tirá-la do ar ou desligá-la por um momento histórico (CARNEIRO, 2002 apud MESQUITA; SOARES, 2008).

A TV é acusada de promover a criatividade; diminuir o tempo designado a outras atividades; introduzir precocemente as crianças num mundo adulto; incrementar os índices de delinqüência e violência social; dessensibilizar a violência; reforçar atitudes já existentes; exaltar o consumo; padronizar o lazer, os sonhos, as fantasias; produzir conformismo, dentre outras questões (ORJUELA, 1997).

Karprzak (1997) assinala sobre as formas distintas de cada sujeito assimilar as idéias transmitidas pela televisão. Para o autor, determinantes como a sociedade, a cultura e os aspectos psicológicos podem influenciar na forma em que cada um vai interpretar o que é transmitido pela TV. Mas não é apenas isto, pois a individualidade de cada um e características particulares do sujeito auxiliarão na forma de entender as mensagens transmitidas pela televisão.

Percebe-se assim, que vivemos em um mundo onde as crianças são marcadas pelo frequente contato com as mídias e que estas influenciam o modo que as crianças se relacionam com a cultura e como elaboram novas formas de construir conhecimento (FERNANDEZ, 2003 apud BORGES, 2007).

Na perspectiva de Halloran (1974 apud ORJUELA, 1997), "as crianças aprendem da TV porque oferece-lhes a porta mais acessível ao mundo dos adultos [...] a imagem do mundo dos adultos que a maioria das crianças recebe dos programas de TV é absolutamente incompleta".

Desta forma, para Hearly e Burniske (2001 apud BORGES, 2007), as crianças podem ser vulneráveis aos efeitos da televisão, pois "ainda não possuem experiência suficiente com a vida real por meio da qual possam julgar o que vêem na tela", deixando, muitas das vezes, que estas experiências influenciem suas vivências.

Renata Borges (2007) aponta considerações de extrema importância sobre a forma que as crianças lidam com a televisão, pois, na perspectiva desta autora, as crianças começam a assistir TV desde cedo, se encantando com as imagens e buscando reproduzir nas suas vivências o que vêem e o que lhe despertam na TV.

De acordo com Brougère (1995 apud SALGADO et al., 2005)

os programas televisivos voltados ao público infantil, como desenhos animados, anúncios publicitários, entre outros, podem ser considerados discursos culturais, voltados para a criança, sobre a vida social, que lhe sugerem um posicionamento sobre o mundo.

Sendo assim, as crianças baseiam seus posicionamentos a partir de suas vivências, e, sobretudo pelo que vêem na TV, pois a mesma apresenta informações sobre vida, cultura e diversas outras questões.

Para Gomidez (2001 apud FERNANDES; OSVALD, 2005) “as crianças apropriam-se do que veem na TV a partir de inúmeras mediações, como, por exemplo, as conversas com amigos e familiares” tornando o que vêem na TV como fator presente em suas vivências.

A criança, ao assistir a televisão, pode ficar exposta a uma avalanche de informações e imagens de violência, ao analisar a programação da televisão brasileira vê-se que em sua maior parte ocorre a disseminação constante de cenas violentas (CAVALHEIRO, 2005).

Percebe-se então que as crianças se envolvem com o que veem na TV, e que esta apresenta subsídios necessários para suas vivências pessoais, sociais e culturais, embora alguns deles se apresentem de forma distorcida.

II – Comportamento agressivo

Definir agressividade é algo complexo mediante ao número de pesquisas e autores de diferentes linhas e contextos teóricos que fazem referência à mesma. Sua etiologia envolve fatores psicológicos, sociais, ambientais, situacionais, biológicos e genéticos (SADOCK; SADOCK, 2007).

Para a disciplina da psicologia, a agressão é dividida em três posições:

a posição behaviorista, que considera como agressão todo comportamento que fere ou traz prejuízo a outros; a posição neobehaviorista, que define a agressão como uma intenção de ferir ou de trazer prejuízo a outrem; e a posição cognitivista, segundo a qual um comportamento é considerado como agressivo unicamente se ele é, ao mesmo tempo, intencional e representa uma violação da norma que rege a situação na qual é produzida (DORON; PAROT, 2002, p. 38).

Muitos comportamentos são agressivos, mesmo os que não envolvam lesões físicas. Desta forma, percebe-se que “a agressividade implica a intenção de causar o mal ou de ferir outra pessoa, o que pode deprender de eventos que precedem ou seguem o ato agressivo” (SADOCK, SADOCK, 2007, p. 175). Observa-se, portanto, que a agressividade não está relacionada apenas a agressões físicas, mas também a agressões verbais, em que o agressor tenha a intenção de causar o mal ao indivíduo vitimado. Adriana Cavalheiro (2005) assinala que o comportamento agressivo pode ser uma luta entre o indivíduo e o ambiente, necessário para sua sobrevivência.

A agressividade e a agressão na perspectiva apontada por Cavalheiro (2005) podem ser decorrentes de diversos fatores. Dentre eles,

a intensidade de sua motivação gerada por fatores externos e internos, (quando mal organizada esta motivação pode gerar ansiedade, frustração e agressão), o ambiente em que a criança encontra-se, podendo ser calmo ou hostil; os reforços recebidos quando há manifestação dos comportamentos agressivos; os modelos que a criança observa e imita, pois grande influência exerce a imitação na aprendizagem e na manifestação do convívio social; cabe ressaltar a importância dos Meios de Comunicação Social que oferecem muitos modelos a serem imitados, assim como inúmeras cenas de violência e agressão.

Para esta autora, torna-se necessária a exposição de atos agressivos, pois os mesmos não devem ser camuflados, abafados. É necessário que a criança fale, reivindique, exteriorize seus sentimentos, emoções e impulsos, pois só assim ela poderá se equilibrar emocionalmente (CAVALHEIRO, 2005).

Apesar da complexidade, a maior parte dos pesquisadores concorda em definir a agressividade como comportamento antissocial, cujo efeito principal é produzir dano a outra pessoa (PAVARINO, PRETTE, PRETTE, 2005). A agressão é diversificada quanto a sua forma, e engloba toda reação, direta ou indireta, ativa ou passiva, motora ou verbal, destinada a prejudicar os outros (DORON; PAROT, 2002).

A psicologia social define a agressão a partir desta perspectiva, pois para eles a agressão é definida como “qualquer comportamento que tem a intenção de causar danos físicos ou psicológicos, em outros organismos ou objetos” (RODRIGUES; ASSMAR; JABLONK, 2001, p. 206). Diante desta concepção, a agressão apóia-se em bases biológicas ou sociais, de modo que diversos fatores, como fatores sociais, ambientais e pessoais, podem influenciar e desencadear a agressão (RODRIGUES ASSMAR; JABLONK, 2001, p. 206).

Os estudos pioneiros, cujo objetivo era investigar a relação entre a agressão e a TV, foram conduzidos por Albert Bandura nos primórdios dos anos 60. Estes experimentos representam a primeira pesquisa moderna a demonstrar que a conduta de um observador pode ser influenciada simplesmente pela observação do comportamento de outros, mesmo que apresentados pela TV (ORJUOLA, 1997).

Para Albert Bandura (apud SADOCK; SADOCK, 2007, p. 178), “as raízes da agressividade humana não são desejos inatos de violência ou impulsos

agressivos. Ao contrário, as pessoas agredem porque adquirem respostas agressivas com as experiências”

Albert Bandura caracteriza a agressão como fator comportamental, voltado para o social, pois as pessoas são agressivas diante de suas vivências. Desta maneira, a agressividade é uma forma aprendida de comportamento social onde as pessoas agem de forma agressiva por muitas razões e em resposta a muitos estímulos (SADOCK; SADOCK, 2007).

Massolo (1993, apud CAVALHEIRO, 2005) considera que a agressividade é baseada em interpretações biológicas, associando seus estudos aos de Darwin sobre comportamento animal, em que a agressividade é vista como uma forma de adaptar-se à luta pela vida, uma espécie de instinto herdado.

De acordo Smith e Moria (1999 apud MARTINS, 2005), a agressividade possui uma subcategoria, que atualmente é muito estudada, chamada bullying, um termo de origem inglesa que vem sendo utilizado para designar determinadas condutas de agressão e/ou vitimização entre pares (OLWEUS, 1995; SMITH; MORIA, 1999 apud MARTINS, 2005).

Por outro lado, Scharamm et al., (1961 apud ORJUELA, 1997) dizem:

A violência em TV pode estimular a agressão em crianças já frustradas e agressivas. Desta forma, em alguns, não em todos os casos, a televisão pode tanto sugerir o recurso da violência e ajudar a construir a tendência à agressão [...] quando a agressão numa situação da vida real tem suficiente peso, a criança lembra como os atos agressivos foram feitos na televisão.

Contudo, dentro deste ponto de vista, deve-se considerar a agressão pode ter significado real ou fantasioso, podendo ainda se distinguir em agressividade maligna, destrutiva, e uma agressividade benigna, onde o combate se exprime pela competição e pela criatividade (DORON; PAROT, 2002).

Conforme Pelisson (1997 apud CAVALHEIRO, 2005), as características de uma criança com comportamentos agressivos são inquietude; pode agir compulsivamente; procura afetar, atingir outras pessoas; podem ser desobedientes, falam alto, interrompem a aula com certa frequência provocando os demais alunos; mas, sobretudo, é uma criança que tende a ser dominadora.

Sendo assim, as crianças em seu desenvolvimento apresentam sintomas agressivos, a questão que preocupa é se elas possuem capacidades e potencialidades para controlar estes comportamentos.

III – Metodologia

3.1 – Amostra

Participaram deste estudo, 32 crianças do ensino fundamental de duas escolas da rede pública de Manhuaçu (MG), seus respectivos pais (32) e professores (3). O único critério de seleção das crianças foi que tivessem idade entre 9 e 11 anos e a partir desta perspectiva a escola realizou a seleção das crianças.

3.2 – Instrumento

Para a coleta de dados foram utilizados os seguintes instrumentos:

a) Questionário semiestruturado para os pais: consiste em questões abertas e fechadas com o objetivo de verificar o acesso das famílias aos meios de comunicação, bem como a influência que os mesmos exercem sobre a família. Junto com este questionário enviamos o Termo de Autorização livre e esclarecido, para que os pais autorizassem a participação da criança nesta pesquisa;

b) Questionário semiestruturado para as crianças: consiste em questões abertas com o intuito de verificar a preferência das crianças por desenhos infantis e averiguar a partir dos discursos se as mesmas são influenciadas ou não pelos desenhos infantis;

c) Escala de percepção de professores dos 3 professores dos comportamentos agressivos de crianças na escola (LISBOA; KOLLER. 2001): consiste em 41 itens que avaliam o comportamento da criança e seu índice de agressividade na escola. Cada item representa uma afirmação, sendo que a resposta deve ser dada pelo professor em uma escala de 5 pontos, onde 1 corresponde a resposta discordo totalmente e 5 corresponde a resposta concordo plenamente. O objetivo desta escala é avaliar a expressão da agressividade de crianças na escola sejam estas expressões confrontativas e não-confrontativas.

Para análise dos resultados colhidos na escala, computamos os resultados dos itens negativos (comportamentos agressivos) e positivos (comportamentos cooperativos ou assertivos). Em seguida, diminuimos os pontos positivos em relação aos negativos, calculando ainda a média.

3.3 – Procedimento

Foi realizado um primeiro contato com as escolas, apresentando os objetivos e instrumentos da pesquisa e solicitando a assinatura do Termo de Autorização para participação das escolas em pesquisa, onde foram apresentados

os critérios de seleção dos alunos a partir da idade. A partir de então, iniciou-se a coleta de dados com os pais, através de um questionário semiestruturado e o termo de autorização da criança em pesquisa, enviado a eles através das crianças. Dos 60 questionários distribuídos (30 em cada escola) apenas 32 retornaram para dar continuidade à coleta de dados. Desta forma, iniciaram-se as entrevistas com as crianças separadamente, em uma sala fornecida pelas escolas. Em seguida, entregou-se aos professores a Escala de percepção de comportamentos agressivos.

IV – Resultados

Dentre as crianças entrevistadas, 56% são do gênero feminino e 44% do gênero masculino (Tabela 1), sendo que suas idades variam entre 9 e 11 anos de idade (Gráfico 1).

No que diz respeito ao acesso das famílias aos meios de comunicação, pode-se comprovar que a televisão está presente em todas as famílias entrevistadas.

No decorrer da entrevista, investigou-se o impacto dos meios de comunicação na vida familiar. Os resultados foram de extrema importância para a mesma, pois 43,75% dos entrevistados relatam que tal impacto seria grande, 50%, a metade dos entrevistados diz que seria de porte médio este impacto e apenas 2% dizem ser pequeno ou nulo.

Durante a entrevista, averiguou-se se as famílias entrevistadas sentem-se influenciadas pelos meios de comunicação, com os seguintes resultados: 69% dizem se influenciar pelos meios de comunicação seja na forma de se vestir (18,18%), expressar ou falar (40,90%), nas compras (50%) dentre outros (22,72%). Porém 31% dizem não se influenciar pelos meios de comunicação, resultado este que entra em contraposição quanto ao impacto que a falta dos meios de comunicação teriam na vivência dos entrevistados.

Outra questão investigada de grande relevância, nesta pesquisa, é o tempo médio que os pais e as crianças assistem televisão (Gráfico 2), cujos resultados apresentam que a maior parte deles assiste pelo menos uma hora de televisão por dia (28%), seguidos de 2 a 3 horas por dia (25%) e até uma hora por dia.

Percebe-se o baixo índice de pais que relatam assistir entre 3 e 4 horas por dia (9%) e mais de 4 horas (16%), o que podem ser em decorrência da rotina de trabalho dos mesmos, e indica que as crianças não são acompanhadas pelos pais, visto que eles passam pouco tempo em frente a TV.

Quanto à prática de atividades culturais e/ou artísticas, apenas 34% relatam que seus filhos praticam futebol, pintura, desenho, música, teatro, entre outras atividades que podem reduzir o tempo em que as crianças assistem televisão

TABELA 1 Número de crianças entrevistadas

	Crianças do sexo feminino	Crianças do sexo masculino	Número total de crianças	%
Escola A	9	6	15	47
Escola B	9	8	17	53
	18	14	32	100

GRÁFICO 1 Relação do tempo médio que os pais das crianças assistem televisão por dia

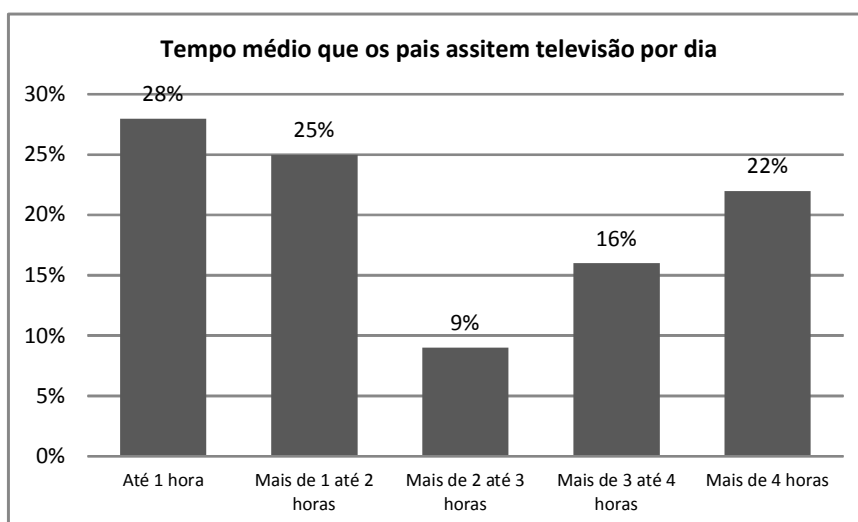
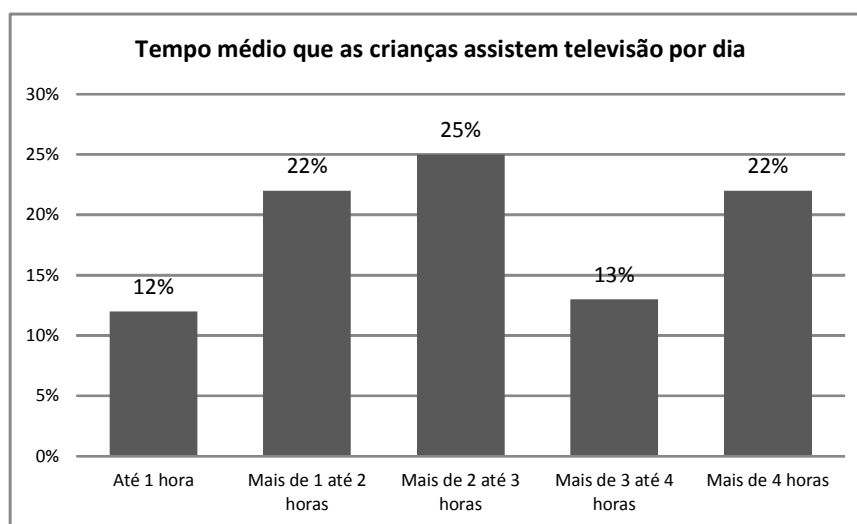


GRÁFICO 2 Relação do tempo médio que as crianças assistem televisão por dia



por dia. Das crianças entrevistadas, 12% assistem até uma hora de TV por dia, 22% assistem entre uma e duas horas por dia, seguidos de 25% que assistem de duas a três horas por dia, 13% entre três e quatro horas e 22% assistem televisão mais de quatro horas por dia (Gráfico 2).

Investigou-se acerca da preferência das crianças por desenhos infantis. Os mais citados foram *Três Espias Demais* e *Bob Esponja*, de modo que a maior parte dos desenhos citados é da televisão aberta.

Na escala de percepção dos professores, os resultados apontam que a maior parte das crianças na visão dos professores não apresentam comportamentos agressivos. O número de crianças com um percentual de expressões não-confrontativas é maior que o número de crianças com expressões confrontativas. A média das duas escolas é de 4,72.

V – Discussão

A partir dos resultados coletados pode-se realizar uma síntese de duas maneiras. A primeira diz respeito à forma que os meios de comunicação podem gerar um impacto na vida das pessoas, pois as famílias, em sua maioria, dizem se influenciar pelos meios de comunicação, relatando ainda a extinção dos meios de comunicação, acarretariam um impacto de porte médio ou grande em suas vidas, ou seja, os meios de comunicação são ferramentas importantes nas vivências destas famílias.

Já a segunda diz respeito à forma como as crianças lidam com os desenhos assistidos pelas mesmas. As explicações dadas pelas crianças são, na maior parte das vezes, as mesmas “o desenho x é interessante”, “ele tem muita aventura”, “a personagem y é mais bonita”, dentre outros.

Não se pode deixar de relatar sobre a frequência dos meios de comunicação nos lares destas famílias, principalmente a televisão, que é a ênfase deste estudo. Girandello (2005) revela que diversos autores da década de 70 entendem que a televisão e as novas mídias não são os únicos meios, mas auxiliam na produção da subjetividade humana, influenciando diretamente no processo de formação da identidade.

Esperança e Dias (2006), a partir de um levantamento de dados por meio de entrevista, revelam que todas as crianças entrevistadas por ele tem acesso a pelo menos um aparelho de televisão no ambiente familiar, dado este que se fez presente neste estudo, pois das famílias entrevistadas, todas apresentaram aparelho televisor em casa. Percebe-se assim a presença da televisão no cotidiano das crianças, ocasionando em mudanças significativas no processo de socialização e no acesso ao conhecimento das mesmas.

Esperança e Dias (2006) apontam considerações acerca de seus estudos sobre a influência da TV, em que todas as crianças entrevistadas dizem se influenciar, sentindo vontade de comprar algum objeto, alimento, roupa ou brinquedo que aparece na TV.

O grupo de pesquisa de educação e mídia do Rio de Janeiro fez um estudo em diferentes estados do Brasil, entre os anos de 2004 e 2006, cujo objetivo era compreender o modo como as crianças vêem TV. Foram analisadas respostas de crianças de 6 a 14 anos sobre a influência da televisão em suas vidas. Na visão destas crianças, os adolescentes e os adultos sofrem influência da TV, pois eles não entendem bem o sentido do que está sendo mostrado (DUARTE et al., 2006).

Neste estudo, ao perguntar o motivo da escolha destes desenhos, uma boa parte das crianças relata se identificar com os personagens, ou com a história dos mesmos, dizendo frases curtas, mas que expõem questões quanto às vivências das mesmas, como por exemplo: “Eu gosto da San (personagem de um dos desenhos citados) porque o meu cabelo parece com o dela”, “A San é parecida comigo, pois sou estudiosa igual a ela”, eu gostaria de ter um relógio igual ao do Bem (personagem de um dos desenhos citados) para poder salvar o mundo”.

Esperança e Dias (2006) apontam que “através da fantasia, as crianças reproduzem ações de personagens de desenhos animados e de filmes infantis, constatação que evidencia a influência dos materiais televisivos sobre o imaginário das crianças”.

Sabe-se que, na visão do adulto, os desenhos infantis apresentam agressividade e violência que podem gerar danos às crianças, mas no ponto de vista das crianças, o fascínio que as envolve, quando experimentam as aventuras transmitidas pelos desenhos e seus heróis favoritos, é intenso e de uma amplitude inexplicável (KARPRZAK, 1997).

Kohn (2007) apresenta considerações sobre a presença dos desenhos infantis na infância de todas as crianças, relatando ainda que o desenho animado, para as crianças é sinônimo de diversão, que prepara e ensina a criança, por mais banal que possa parecer.

Esperança e Dias (2006), em decorrência de um estudo, mostram qual a preferência das crianças pela programação exibida na TV, em que o mais citado são os desenhos infantis, seguidos de uma novela infantil e de filmes.

Neste estudo, uma consideração de grande relevância é que a maior parte das crianças que optaram pelo desenho **Três espiãs demais** é do gênero feminino, totalizando 94,4%. Isso pode ser em decorrência da estrutura dos desenhos, três garotas, adolescentes que vivem em função de aventura, compras no shopping, beleza, dentre outras características presentes.

De fato, pode-se aqui mencionar a grande gama de desenhos citados pelas crianças, fato que ocorre pelo oferecimento de diversos desenhos pelas emissoras de televisão brasileira.

Em um estudo similar, realizado por meio de entrevistas, cujo objetivo era refletir sobre os impactos que as mídias televisivas têm provocado nas concepções de infância, os desenhos mais citados dentre as 24 crianças entrevistadas com faixa etária entre 7 e 10 anos foram: **Bob esponja, As três espiãs demais, Pica-Pau, Tartarugas ninjas e Homem-Aranha** (ESPERANÇA; DIAS, 2006). Percebe-se que os resultados apresentados nos dois estudos são semelhantes, levando em consideração a distinção de espaço de tempo em que as pesquisas foram realizadas – 2006 e 2010.

Cabe ressaltar que há uma quantidade enorme de desenho infantis apresentados na televisão brasileira e a escolha destes pode ser em decorrência das características de cada região.

V – Considerações finais

A partir da realização desta pesquisa, pode-se constatar que os meios de comunicação fazem parte da vivência das famílias entrevistadas, e que a televisão é algo frequente no dia a dia de muitas destas. Observou-se ainda que esta relação, tão habitual entre os membros da família e a televisão, pode atrapalhar nas relações sociais e familiares, devido ao tempo que as pessoas ficam em frente às telinhas.

Pode-se verificar ainda, que a criança faz muita alusão ao que assiste no que diz respeito a desenhos infantis. Os pais devem estar cientes desta relação próxima entre as crianças e os personagens dos desenhos infantis, para que possam orientar seus filhos quanto ao seu desenvolvimento psicossocial e moral.

Entender que a magia, a ilusão e os sonhos tomam conta das crianças quando relatam sobre desenhos infantis, e que estes sentimentos podem fazer parte das vivências delas, e que os desenhos podem influenciar nas vivências das crianças é o que se aponta com este estudo.

As crianças buscam formas de identificação com os personagens, seja no vestuário ou palavras, buscando trazer o histórico dos desenhos para suas vivências.

É necessário ressaltar a dificuldade de encontrar material que relate o assunto na perspectiva de criar teorias sobre a agressividade e mídias, com intuito de descrevê-la e defini-la, por diversos motivos: o tema é da atualidade, diversas pesquisas ainda estão inconclusivas e os trabalhos existentes não trazem evidência científica importante no que diz respeito à relação agressividade, desenhos infantis.

Este trabalho apresenta resultados satisfatórios, quanto a sua estruturação, coleta de dados e formulação do conteúdo, de forma que os resultados apresentados são favoráveis para o meio acadêmico, além de possibilitar a amplificação do tema. Torna-se ainda necessária a formulação de novas pesquisas que envolvam mídia e agressividade, principalmente no que diz respeito à psicologia.

Referências

BORGES, Renata Barcellos. **Contribuição das mídias para a construção do conhecimento na educação infantil**, 2007, 82 f. Dissertação (Mestrado em Educação). Curso de Pós-graduação em Educação, Universidade Estácio de Sá do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2007.

CAVALHEIRO, Adriana. **Agressividade e violência na escola**, 2005, 31 f. Monografia (Graduação em Pedagogia). Universidade Estadual de Campinas, Americana, 2005.

DORON, Roland; PAROT, Françoise. **Dicionário de Psicologia**. São Paulo: Àtica, 2002.

DUARTE, Rosália; LEITE, Camila; MIGLIORA, Rita. Crianças e televisão: o que elas pensam sobre o que aprendem com a tevê. **Revista Brasileira de Educação**, Rio de Janeiro, v. 11, n. 33, p. 497-564, set./dez. 2006.

ESPERANÇA, Joice Araújo; DIAS, Cleuza Maria Sobral. Mídia televisiva e culturas das infâncias: entretenimento e propaganda transformando as concepções e os modos de ser criança. **UNIrevista**, Rio Grande do Sul, v. 1, n. 2. abr./2006.

FERNANDES, Adriana Hoffmann; OSWALD, Maria Luíza Bastos Magalhães. Recepção dos desenhos animados da tv e as relações entre a criança e o adulto: desencontros e encontros. **Caderno Cedes**, Campinas, v. 25, n. 65, p. 25-41, jan./abr. 2005.

HOINEFF, Nelson. **TV em expansão**. Rio de Janeiro: Record, 1991.

KARPRZAK, Roselene Gurski. **Desenhos animados em tempos de violência: uma contribuição para pensar em construção de valores sócio-morais em crianças pré-escolares**, 1997, 132 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia)- Curso de Pós-graduação em Psicologia do Desenvolvimento, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Rio Grande do Sul, 1997.

LISBOA, C. S. M.; KOLLER, S. H. Escala de percepção por professores dos comportamentos agressivos de crianças na escola. **Psicologia em Estudo**, Maringá, v. 6, n 1, p. 59-69, jan./jun. 2001.

CARLSSON, Ulla; FEILITZEN, Cecilia Von. **A criança e a mídia:** imagem, educação e participação. São Paulo: Cortez, 2002.

LOPES, Luis Carlos. A TV aberta brasileira. **Espéculo Revista de Estudos Literários**, Universidad Complutense de Madrid, v. 11, n. 33. jul./out. 2006.

MARTINS, Maria José D. Agressão e vitimação entre adolescentes, em contexto escolar: um estudo empírico. **Análise Psicológica**, Lisboa, v. 23, n. 4, p. 401-25, out. 2005.

MESQUITA, Nyuara Araújo da Silva; SOARES, Márlon Herbert Flora Barbosa. Visões de ciência em desenhos animados: uma alternativa para o debate sobre a construção do conhecimento científico em sala de aula. **Ciência e Educação**, Bauru, v. 14, n. 3, p. 417-29, 2008.

NJAINÉ, Kathie; MINAYO, Maria Cecília de Souza. A violência na mídia como tema da área da saúde pública: revisão da literatura. **Ciência e Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 9, n.1, p. 201-11, s/m. 2004.

ORJUÉLA, Guillermo Mauricio Acosta. **Efeitos da televisão sobre o comportamento anti-social e pró-social:** uma introdução a literatura empírica em psicologia social, 1977. Dissertação (Mestrado) – Curso de Pós graduação em Mídias, Universidade Estadual de Campinas, 1997.

PAVARINO, Michelle Girade; PRETTE, Almir Del; PRETT, Zilda A. P. Del. Agressividade e empatia na infância: um estudo correlacional com pré-escolares. **Interação em Psicologia**, Curitiba, v. 9, n. 2, p. 215-25, 2005.

RIZZINI, Irene et al. Adolescentes brasileiros, mídia e novas tecnologias. **ALCEU**, Rio de Janeiro, v. 6, n 11, p. 41- 63, jul./dez. 2005

RODRIGUES, Aroldo; ASSMAR, Eveline Maria Leal; JABLONKI, Bernardo. **Comportamento anti-social:** a agressão. In RODRIGUES, Aroldo; ASSMAR, Eveline Maria Leal; JABLONKI, Bernardo. *Psicologia Social*. 20. ed. Petrópolis: Vozes, 2001.

SADOCK, Virginia Alcott; SADOCK, Benjamim James. **Compêndio de psiquiatria:** ciência do comportamento e psiquiatria clínica. 9. ed. Porto Alegre: Artmed, 2007.

SALGADO, Raquel Gonçalves; PEREIRA, Rita Marisa Ribes; SOUZA, Solange Jobim E. Pela tela, pela janela: questões teóricas e práticas sobre infância e televisão. **Caderno Cedes**, Campinas, v. 25, n. 65, p. 9-24, jan./abr. 2005.